

# O Eterno Retorno do Mesmo de Nietzsche na Estética de Schopenhauer

Jair Barboza\*

**Resumo:** O artigo pretende mostrar que o pensamento do eterno retorno do mesmo de Nietzsche não é seu pensamento mais abismal (*abgründlicher*), como diz *Ecce homo*, mas na verdade tem um *Grund* (fundamento) bem localizado na filosofia de Schopenhauer, em especial nos textos estéticos.

**Palavras-chave:** Schopenhauer – Nietzsche – Vontade – mundo fenomênico – eterno retorno do mesmo

## I

Na sua autobiografia intelectual, *Ecce homo*, Nietzsche refere-se ao eterno retorno do mesmo como o seu pensamento propriamente mais abismal (*mein eigentlich abgründlicher Gedanke*) (Nietzsche 3, p. 226).

Temos fortes razões para convencer-nos de que a origem de um tal pensamento, apesar do “mais abismal” reivindicando originalidade, pode remontar aos textos schopenhauerianos, em especial, os estéticos.

\* Estudante de pós-graduação do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

## II

Vários rascunhos foram feitos por Nietzsche num empenho não muito pequeno em expor aquilo que compreendia por eterno retorno do mesmo. Neles, podem-se vislumbrar duas vertentes bastante nítidas em meio a diversificadas incursões: uma cosmológica e outra psicológica. O presente texto preocupa-se sobretudo com dois aforismos de 1881, que julgamos serem emblemáticos, na sua densidade, das mencionadas vertentes.

No que tange à vertente cosmológica, temos:

“A medida da força total é *determinada*, não é nada de ‘infinito’; guardemo-nos de tais desvios do conceito! Conseqüentemente, o número das situações, alterações, combinações e desenvolvimentos dessa força é, decerto, descomunalmente grande e praticamente ‘*imensurável*’, mas, em todo caso, também determinado e não infinito” (Nietzsche 4, p. 387).

Em termos físicos, o mundo seria composto de um número “x” inalterável de forças. Se o tempo é infinito, como dirá a seqüência do aforismo, no interior dele as forças vão se combinando, e, por finitas serem, tais combinações alcançam um termo, após o qual retornam as combinações anteriores... Todas as situações e tipologias daí resultantes se repetem. Faltaria ao mundo a faculdade da eterna novidade: “Guardemo-nos de pensar que o mundo cria o eternamente novo”, já dissera *A gaia ciência* (*id., ibid.*, p. 199-200).

O todo é regido por um processo circular, o que faz com que a filosofia nietzschiana entre em confronto com aquelas que postulam uma evolução histórica do homem em direção a um bom *télos*, como no caso de Kant, para quem uma “sociabilidade insociável”<sup>(1)</sup> é um artifício empregado pela natureza com o propósito de instituir um “estado cosmopolita

universal”, no seio do qual a espécie humana desenvolveria todas as suas disposições originárias enquanto disposições da natureza mesma, esta que encontraria no homem a sua coroação, de modo que a história humana, na verdade, seria a própria história da natureza com o fito de estabelecer uma boa constituição política que possibilitaria a consumação de talentos que lhe são intrínsecos<sup>(2)</sup>. Nietzsche descarta a linha reta e adota o círculo. Para ele não há uma origem primeva nem um fim final. Na circularidade cósmica nada se perde, nada se ganha, embora seja praticamente impossível, já que “imensurável”, apreender-se as possibilidades combinatórias das forças do mundo. As estações do ano, sempre recorrentes, o movimento dos astros, as vazantes e enchentes, e tantos outros cursos circulares são apenas índices puntiformes do círculo eterno das forças. Ao cosmos, apesar do “descomunal” que o impregna, jamais poderá ser conferido o atributo da infinitude; isto seria um “desvio” do conceito, já que a quantidade da força, finita, é lei originária, do mesmo modo que o curso circular:

“Guardemo-nos de pensar a *lei desse círculo* como algo que *veio a ser*, segundo a falsa analogia dos movimentos circulares *no interior do anel*. Não houve primeiro um caos e depois gradativamente um movimento mais harmonioso e enfim um firme movimento circular de todas as forças: em vez disso, tudo é eterno, nada veio a ser: se houve um caos das forças, também o caos era eterno e retorna em cada anel. O *curso circular* não é nada que *veio a ser*, é uma lei originária, assim como a *quantidade da força* é lei originária, sem exceção nem transgressão” (Nietzsche 4, p. 389).

No vir-a-ser, qualquer alteração deve ser enquadrada como recorrência, repetição de algo anterior; portanto, não chega a ser alteração autêntica.

Naquele primeiro aforismo que citamos, o número 1 do inexistente livro “Vontade de potência”, forjado por sua irmã Elisabeth, Nietzsche dá prosseguimento à vertente cosmológica do eterno retorno do mesmo:

“Tudo esteve aí inúmeras vezes, na medida em que a situação global de todas as forças sempre retorna”.

E no Aforismo 25 manterá fidelidade à sua doutrina:

“O mundo das forças não é passível de nenhuma diminuição ... Seja qual for o estado que esse mundo *possa* alcançar, ele tem de tê-lo alcançado, e não uma vez, mas inúmeras vezes. Assim este instante: ele já esteve aí inúmeras vezes e igualmente retornará, todas as forças repartidas exatamente como agora: e do mesmo modo se passa com o instante que gerou este, e com o que é filho do de agora”.

Isso emblematiza que, apesar das várias redações desde *A gaia ciência*, quando ele apareceu pela primeira vez<sup>(3)</sup>, o pensamento dito “mais abismal” mantém traços básicos, inclusive no ano de 1888, quando o filósofo ficou deitado; nesta ocasião, a verve é tão exacerbada, que encontramos metáforas deveras ousadas:

“O mundo subsiste; não é nada que vem a ser, nada que perece. Ou antes: vem a ser, perece, mas nunca começou a vir a ser e nunca cessou de perecer, – *conserva-se* em ambos ... *Vive de si próprio: seus excrementos são seu alimento*” (Nietzsche 4, p. 396; último itálico nosso).

Ora, em *O mundo...*, Schopenhauer expõe uma concepção de história repetitiva cujo fulcro conceitual antecipa a vertente cosmológica do eterno retorno do mesmo. A história, para o filósofo de Frankfurt, ao narrar os fatos, empreende uma tarefa semelhante àquilo que fez Gozzi nos seus dramas. Este sempre utilizou as mesmas personagens na composição das cenas, com os mesmos caracteres, intenções e, no final das contas, destinos. Os motivos e acontecimentos podem até mudar de um drama para outro, porém o espírito dos acontecimentos é sempre o mesmo. De igual maneira a história: mudam os atores, o palco da efetividade, mas os tipos são os mesmos, com os caracteres e intenções, os destinos, repetindo-se. E o “espírito da terra” (*Erdgeist*) declara altissonante que no mundo dos fenômenos, de que se ocupa a história, não há lugar para novidades:

“Neste mundo do fenômeno é tão pouco possível uma autêntica perda, quanto um autêntico ganho” (Schopenhauer 5, p. 216).

Ao mundo fenomênico de Schopenhauer, e é isto que importa sublinhar aqui, falta a faculdade da eterna novidade. Tudo é recorrente – como em Gozzi, as personagens são as mesmas, é a mesma tipologia. Nada é autenticamente perdido ou autenticamente ganho; é um caleidoscópio que pode até num primeiro momento dar a impressão de infinitas novidades, por conta das cintilações de luz, mas sabe-se que no fundo ele é composto de um número finito de fragmentos de vidro colorido, a repetirem os próprios movimentos. E daí, deste pano de fundo físico-repetitivo dos fenômenos, anunciado pelo “espírito da terra”, a natureza estéril da narrativa histórica afeita exclusivamente aos fatos, condenada a lidar, sempre, com a mesma quantidade de matéria, de fenômenos, isto é, com a mesma quantidade de eventos e formações tipológicas: o rei, o escravo, o trapaceiro, o honesto, enquanto exposições fenomênicas; daí também a recusa de um possível bom *télos*. A finitude dos fenômenos e das situações impede qualquer esboço de uma evolução para algo mais bem situa-

do num distante, embora possivelmente alcançável, *télos*, ou a melhoria da humanidade pela lapidação moral dos caracteres, ou até a alteração dos tipos. Como bem o reterá Nietzsche, em Schopenhauer o símbolo da natureza é o círculo, não a linha reta kantiana.

“Sem exceção, por toda parte, o círculo é o autêntico símbolo da natureza, porque é o esquema do retorno (*Schema der Wiederkehr*): retorno que é, de fato, a forma a mais geral da natureza, que ela em tudo leva a efeito, do curso das estrelas até a morte e o nascimento dos seres orgânicos, e apenas devido ao qual, na torrente fugidia do tempo e do seu conteúdo, é possível uma existência que permanece, isto é, uma natureza” (Schopenhauer 5, v. 3, p. 545).

Quer dizer, a vertente cosmológica do eterno retorno do mesmo nietzschiano já está antecipada naquele *Erdegeist* da estética de Schopenhauer (terceiro livro de *O mundo...*), e, depois, no *Schema der Wiederkehr* – o círculo –, dos suplementos à sua obra principal: por eles, não é aceitável verdadeira perda, nem ganho no que aí está dado. A matéria é constante, a tipologia humana também, que não passa de objetivação fenomênica do Em-si do mundo, a Vontade, através dos seus atos originários, as Idéias, dispostas numa pirâmide hierárquica primeva e inalterável. Obviamente teremos de abrir um pequeno parêntese dizendo que, no filósofo de *O mundo...*, encontra-se o dualismo irredutível entre Vontade e representação. Já Nietzsche rejeita a cisão. Neste, os predicados da aparência são os da essência. Falar do fenômeno já é falar da Vontade, e vice-versa. O Nietzsche de *A gaia ciência* dizia:

“O que é agora, para mim, ‘aparência’! Na verdade, não o contrário de alguma essência – o que sei eu dizer de qualquer essência, a não ser, justamente, apenas os predicados de sua aparência! Na verdade, não uma máscara morta, que se poderia pôr sobre um X

desconhecido e que também se poderia retirar! Aparência, para mim, é o próprio eficiente e vivente..." (Nietzsche 4, p. 194).

De modo que, se em Schopenhauer a finitude das situações se restringe ao mundo fenomênico, da representação submetida ao princípio de razão (espaço, tempo e causalidade), ficando intocado o meta-físico, em Nietzsche esta finitude é conferida ao mundo na sua completude. Desde que se atente a tal diferença, na estética mesma de Schopenhauer o "espírito da terra", ao lado da referência aos dramas de Gozzi – completa-os o "esquema do retorno", o círculo –, pode ser considerado como um teci-do conceitual do qual sairá o eterno retorno do mesmo. Aliás, pode-se ir mais adiante e dizer que há uma herança léxica. Basta voltarmos ao segundo livro de *O mundo...*, considerando ao mesmo tempo a metáfora nietzschiana de que para o mundo "seus excrementos são seu alimento", e observar-se-á uma frase que, com poucas alterações, é a mesma encontrada em Nietzsche: depois de argumentar acerca da disputa pela matéria, constante, entre os diversos organismos para efetivarem uma Idéia (organismos que são *uma mesma* Vontade, apenas no universo da representação, fenomênico, pluralizável devido às formas do princípio de razão: espaço + tempo + causalidade), Schopenhauer expressa-se nos seguintes termos, simultaneamente enfatizando que a luta entre os indivíduos, e entre as espécies entre si, é, em última instância, um reflexo da discórdia (*Entzweiung*) intrínseca da Vontade consigo mesma:

"...a Vontade de vida em toda parte se alimenta de si mesma e em diversas formas é seu próprio alimento..." (Schopenhauer 5, p. 175).

Ou seja, Schopenhauer, ao dizer que a Vontade, no plano fenomênico, ao alimentar-se de si mesma, ao ser seu próprio alimento (*seine eigene Nahrung*), e isto nada mais sendo que um signo da sua discórdia essencial consigo mesma, emprega uma metáfora na qual os termos principais são os encontrados, e num mesmo sentido, em Nietzsche: mostrar

que no mundo das forças (matéria em Schopenhauer) há uma constância condicionante do retorno das mesmas situações. Ora, como no filósofo de *A gaia ciência* o mundo é Vontade de potência e nada mais, e o eterno retorno do mesmo só o é enquanto *retorno das situações que envolvem esta Vontade de potência*, logo, se para o mundo “seus excrementos são seu alimento”, isto, ao nosso ver, significa que no interior do círculo da eternidade é a Vontade de potência mesma que está se alimentando de si, como, em Schopenhauer, a Vontade de vida em toda parte e “em diversas formas [é] seu próprio alimento”. O filósofo de Frankfurt não deixa dúvida quanto ao que pensa, quanto à eternidade do automanter-se do mundo, assessorada por uma constância da matéria que reflete a constância das espécies eternas, inalteráveis, imutáveis, por conseguinte, que reflete a inalterabilidade dos tipos humanos:

“No fundo ... a Vontade tem de alimentar-se de si mesma, já que fora dela nada subsiste e ela é uma Vontade faminta” (Schopenhauer 5, p. 183).

### III

No tocante à vertente psicológica, encontramos na continuação do Aforismo 25:

“Homem! Tua vida inteira, como uma ampulheta, será sempre desvirada outra vez e sempre escoará outra vez, – um grande minuto de tempo no intervalo, até que todas as condições, a partir das quais vieste a ser, se reúnam outra vez no curso circular do mundo. E então encontrarás *cada dor e cada prazer e cada amigo e cada esperança...*” (Nietzsche 4, p. 389-90, *itálico nosso*).



Perceba-se: o eterno retorno do mesmo cosmológico nietzschiano é suporte para o psicológico, tanto é que, depois de falar de as “condições” que geram o homem novamente poderem reunir-se pelo curso circular, ou seja, após certas combinações de forças novamente retornarem, Nietzsche lança mão de um “então”, inferindo que o substrato físico provoca uma ressonância psicológica. “Então”, se as combinações são recorrentes, encontra-se novamente cada prazer, cada amigo, cada esperança, vale dizer, as vivências se repetem as mesmas. As emoções colocam-se sob a rubrica da finitude e, seja o herói, o pequeno homem, o senhor ou o escravo, estarão todos sempre aí, faces voltadas para as mesmas dores, prazeres, amizades, esperanças e outros sabores e dissabores, resultantes do dinamismo de seus entrecosmos morais. A ampulheta da existência sempre está a cambalhotear, e o seu conteúdo não se altera. O ódio de hoje é o de amanhã, o amor de amanhã foi o de ontem, o círculo eterno submete a si desde a mais ínfima manifestação inorgânica até a mais superior forma de consciência. Ora – e aqui estabelecendo uma simetria com a primeira parte da nossa investigação –, a estética de *O mundo...* fornece uma passagem em que podemos rastrear o eterno retorno do mesmo em sua vertente psicológica estribada na cosmológica. Discorrendo sobre a oposição entre história e poesia, aquela circunscrevendo-se ao domínio do fenômeno e esta tendo acesso ao Em-si, Schopenhauer, ao apontar o inestimável quilate da poesia lírica, expõe sua teoria do constante retorno das emoções (cantadas pelo poeta), justamente servindo-se do termo *Wiederkehr*, que, principalmente na variante *Wiederkunft*, foi empregado com frequência por Nietzsche. Nesse momento, diz que a psicologia emocional de toda a humanidade se repete e tudo aquilo que se sentiu ou se sentirá se conecta às situações que continuamente retornam, fazendo com que os produtos líricos, que captaram e exprimiram o íntimo da humanidade, tenham valor sempiterno. Ora, é exatamente uma tal estrutura argumentativa, de estribar uma ressonância psicológica sobre uma base físico-cosmológica, como vimos, o que Nietzsche faz, ao inferir depois de um “então”, que “cada dor e cada prazer e cada amigo e cada esperança...” sempre estão aí, não sem antes expor as “condições”, o esqueleto físico do retorno. E isto impossibilitará tomarmos o seu pensamento como

“próprio” (*mein eigentlich*) e índice de algo inédito (*ab-gründlicher Gedanke*), pela primeira vez alçado ao estatuto de conceito filosófico, pois antes dele já dissera Schopenhauer:

“Contudo, reproduz-se na poesia lírica do genuíno poeta o íntimo da humanidade inteira, e tudo aquilo que milhões de homens passados, presentes e futuros sentiram e sentirão nas mesmas situações (visto que continuamente recorrentes) encontra nela sua expressão apropriada. E, na medida em que estas situações, pelo retorno constante (*beständige Wiederkehr*), bem como a humanidade mesma, estão aí permanente e continuamente a despertarem os mesmos sentimentos (*selben Empfindungen*); – os produtos líricos do genuíno poeta permanecem séculos afora verdadeiros, eficazes e joviais” (Schopenhauer 5, p. 294).

Compreenda-se. Como para Schopenhauer a quantidade de matéria permanece, é constante, não foi criada nem virá a sê-lo, os indivíduos travam uma pugna infundável pela sua posse, em diferentes locais, circunstâncias e tempos, repetindo o conflito das existências que grassa na natureza desde que houve objetivação da Vontade em fenômenos. A globalidade da vida humana não foge à regra: cada homem é contendor potencial de um outro – *homo homini lupus* –; cada um quer tornar o seu caráter inteligível, acentuação da Idéia de humanidade, em caráter empírico, vale dizer, quer agir, é impelido a agir, por motivos diversos, e ao fazê-lo restringe o agir de um outro indivíduo, dificultando-lhe a posse da matéria<sup>(4)</sup>. Ora, se em todo este inter-relacionamento conflitivo levarmos em conta as consciências nele envolvidas, então, pode-se inferir, em Schopenhauer os sentimentos recorrentes devem ser vistos como ressonâncias, nas consciências, das idênticas situações conflitivas a retornarem as mesmas no curso dos séculos. O termo que o filósofo de Frankfurt usa para conectar situações e sentimentos recorrentes é *hervorrufen*: as situações, desenhadas pela pugna por matéria, chamam, pelo “retorno constante”, os mesmos sentimentos, despertam-nos, ainda mais que há

emprego do termo *Empfindung*, que na sua pena adquire a conotação de sentimento relacionado à constituição corpóreo-material, que antecede muitas vezes o sentimento espiritualizado, o *Gefühl*<sup>(5)</sup>. O poeta lírico será aquele que, intuindo a Idéia estética por trás das variegadas situações, institui um modelo para tudo aquilo que aí está, virá ou já veio; concomitantemente à reprodução artística, evoca as emoções envolvidas na concepção.

Assim, a estética de Schopenhauer, mais precisamente o terceiro livro da sua *opus magnum*, é doutrina das mais ricas para se averiguar o esquema do eterno retorno do mesmo, vale dizer (repita-se), no interior do tempo a mesma quantidade de matéria impede a variedade das situações, impede que os indivíduos, as formações tipológicas sejam inesgotavelmente originais, ainda mais que tais tipos deverão expor Idéias, as quais foram originária e inalteravelmente hierarquizadas pelos atos originários da Vontade, do Em-si do mundo. Ligadas a tal pano de fundo ideacional, as emoções se conservarão nos limites da constância da matéria, da tipologia exposta na finitude fenomênica; neste quadro, retornarão as mesmas em indivíduos empíricos que não podem ser infinitamente diferentes: é a imagem do caleidoscópio.

O Schopenhauer dos *Parerga e paralipomena* ainda dirá:

“... sobre o palco do mundo mudam as peças e as máscaras, mas os atores permanecem os mesmos. Nós nos reunimos e falamos e nos damos conta uns dos outros, os olhos luzem e as vozes ressoam: exatamente do mesmo modo *outros* se reuniram, há milhares de anos: foi do mesmo modo, e eram *os mesmos*: exatamente assim será por milhares de anos” (Schopenhauer 5, v. 6, p. 293-4).

Observe-se a intenção dos itálicos de Schopenhauer: num momento ele destaca “outros”, mas depois “os mesmos”. “Outros” = “os mesmos”. De fato, tanto para o jovem quanto para o velho Schopenhauer, falta ao mundo a faculdade da eterna novidade.

Ora, em assim sendo, é difícil para o leitor aceitar a pretensão nietzschiana de que o pensamento do eterno retorno do mesmo – inclusive o seu esqueleto teórico, de assentar uma ressonância psicológica sobre um fundamento físico – seja seu pensamento propriamente “mais abismal”, *ab-gründ-licher*, como *Ecce homo* reivindica. Já em Schopenhauer podemos registrar a sua presença, em léxico e sentido equivalentes aos nietzschianos, como foi apontado atrás; portanto, há um *Grund* filosófico para ele.

**Abstract:** The main purpose of this article is to prove that Nietzsche's eternal recurrence is not his *abgründlicher* thought, as it is said in *Ecce homo*, but has a *Grund* in Schopenhauer's aesthetics.

**Key-words:** Schopenhauer – Nietzsche – Will – phenomenal world – eternal recurrence

## Notas

(1) Cf. *Quarta proposição da Idéia...*

(2) *Eis o cabeçalho da oitava proposição da Idéia...: "Pode-se considerar a história da espécie humana, em seu conjunto, como a realização de um plano oculto da natureza para estabelecer uma constituição política (Staatsverfassung) perfeita interiormente e, quanto a este fim, também exteriormente perfeita, como o único estado no qual a natureza pode desenvolver plenamente, na humanidade, todas as suas disposições" (Kant 2).*

(3) *Aforismo 341, "O mais pesado dos pesos": "E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: 'Esta vida, assim como tu a vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de retornar, e tudo na mesma ordem e seqüência – e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez – e tu com ela, poeirinha da poeira!'" (Nietzsche 4, p. 209).*

(4) *Indique-se que para Schopenhauer a essência da matéria é o fazer-efeito, Wirken, daí a Wirklichkeit, ou realidade efetiva, efetividade. Cf. Schopenhauer 5, p. 10.*

(5) Cf. *id., ibid., p. 62. Na verdade a distinção vem de Kant: "...entendemos sob o nome sensação (Empfindung) uma representação objetiva dos sentidos; e, para não incorreremos sempre no perigo de sermos mal interpretados, que-remos denominar aquilo que tem de permanecer a todo momento meramente subjetivo e não pode absolutamente engendrar nenhuma representação do objeto, com o nome, aliás usual, de sentimento (Gefühl)" (Kant 1, p. 118-9).*

## Referências Bibliográficas

1. KANT, I. *Werkausgabe*, v. X, *Kritik der Urteilskraft*. Frankfurt-am-Main, Suhrkamp, 1990.
2. \_\_\_\_\_. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Trad. de Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo, Brasiliense, 1986.
3. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke*, v. 6, *Ecce homo*. Berlim, Walter de Gruyter & Co., 1980.
4. \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. Excertos traduzidos por Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Abril, 1983.
5. SCHOPENHAUER, A. *Sämtliche Werke*, v. 2, *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Wiesbaden, F.A. Brockhaus, 1972.